

**MOVIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS COM AS
FILOSOFIAS DO CORPO**

**MOVIVÊNCIAS: EXPERIENCES WITH THE
PHILOSOPHIES OF THE BODY**

**MOVIVÊNCIAS: EXPERIENCIAS CON LAS
FILOSOFÍAS DEL CUERPO**

Debora Campos de Paula²
Renata Giovana de Almeida Martiello⁴

RESUMO

O tema que trataremos neste artigo para nós é um oásis no meio do caos, uma experiência de encontro com nossas intimidades de ser. Falar de movimento corporal afroreferenciado e das experiências que vêm sendo desenvolvidas nas provocações do que chamamos de movivências, enquanto expressão e produção de saberes/filosofias do corpo, é tocar em discussões muito caras a nossa trajetória pessoal e acadêmica. A experiência com o trabalho desenvolvido no Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo [1] nos proporciona entrar em contato com questões prementes do nosso entendimento sobre quem somos, o que estamos fazendo no mundo enquanto seres humanos e o que queremos para nossa existência coletiva. Nossos contatos se dão a partir do corpo em movimento, mas não qualquer movimento, são sim as expressões da capoeira e as possibilidades da dança afro-brasileira, vivenciadas sob uma perspectiva libertadora, reflexiva e contra a colonialidade que aprisiona nossos corpos pensantes. Chamamos essa experiência sensorio motora de *Movivências*.

Palavras-chave: saberes; corporalidades; filosofia; dança afro; capoeira.

ABSTRACT

The theme that we will deal with in this article, for us, is an oasis in the midst of chaos, an experience of meeting our intimacies of being. Talking about referenced Afro body movement and the experiences that have been developed in the provocations of what we call movements, as an expression and production of body knowledge/philosophies, is to touch on discussions that are very dear to our personal and academic trajectory. The experience with the work carried out at the Nucleus for Research in Philosophies of the Body[1] allows us to get in touch with pressing questions of our understanding of who we are, what we are doing in the world as human beings and what we want for our collective existence. Our contacts take place from the body in motion, but not just any movement, they are the expressions of capoeira and the possibilities of Afro-Brazilian dance, experienced from a liberating, reflective perspective and against the coloniality that imprisons our thinking bodies. We call this sensory motor experience *Movivências*.

Keywords: knowledge; corporalities; philosophy; afro dance; capoeira

² Doutorado em Filosofia, PPGF/UFRJ, debcampos2222@gmail.com

⁴ Mestrado em Filosofia, PPGF/UFRJ, renatacapoeira@gmail.com

RESUMEN

El tema que trataremos en este artículo, para nosotros, es un oasis en medio del caos, una experiencia de encuentro con nuestras intimidades de ser. Hablar del movimiento corporal afro referenciado y de las experiencias que se han desarrollado en las provocaciones de lo que llamamos movimientos, como expresión y producción de saberes/filosofías corporales, es tocar discusiones muy queridas en nuestra trayectoria personal y académica. La experiencia con el trabajo realizado en el Núcleo de Investigación en Filosofías del Cuerpo[1] nos permite entrar en contacto con cuestiones apremiantes de nuestra comprensión de quiénes somos, qué estamos haciendo en el mundo como seres humanos y qué queremos para nuestra existencia colectiva. Nuestros contactos se dan desde el cuerpo en movimiento, pero no cualquier movimiento, son las expresiones de la capoeira y las posibilidades de la danza afrobrasileña, vividas desde una perspectiva liberadora, reflexiva y contra la colonialidad que aprisiona nuestros cuerpos pensantes. A esta experiencia sensoriomotora la llamamos *Movivências*.

Palabras clave: conocimiento; corporalidades; filosofía; danza afro; capoeira.

Corpo ginga
Mandinga
e se diz
Reverbera sentidos
Pulsando nas águas
Ora represadas
Ações e levantes
Iniciam de dentro
Vertentes e espectros
Porosidades e orifícios
Revoltas e ofícios
Ofós de encantarias
Que nos ocupam
De nós
Desatam os nós
impositivos das culpas
Que a luta anticapitalista
Convocam à libertação
de nossa voz⁷

(Ashanti Bintah)

⁷ Texto escrito pela brincante Ashanti Bintah como registro no diário de bordo do Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo após a manhã de atividades em 20/05/ 2022. (Consultado em 20/07/2023)

Nesta breve introdução ao tema, que desejamos tratar neste artigo, falaremos de movimento corporal afrorreferenciado, mas tratado de uma forma que se torna contagiante, um oásis no meio do caos, uma experiência de encontro com nossas intimidades de ser. Consideramos esse trabalho de provocar o que chamamos de movivências como Filosofias do Corpo.

A experiência com o trabalho desenvolvido no Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo⁸ nos proporciona entrar em contato com questões prementes do nosso entendimento sobre quem somos, o que estamos fazendo no mundo enquanto seres humanos e o que queremos para nossa existência coletiva. Nossos contatos se dão a partir do corpo em movimento, mas não qualquer movimento, são sim as expressões da capoeira e as possibilidades da dança afro-brasileira. Portanto, chamamos de movivência essa experiência sensório motora afro-referenciada⁹, Ser um indivíduo afro-referenciado é, para nós, ser portador de uma abertura para toda forma de existência, visível e invisível, para restituição de humanidade, e resistência às formatações impostas e de reconexão com nossas verdadeiras verdades humanas. Movivência é uma aproximação que estamos propondo ao conceito “escrevivências” desenvolvido por Conceição Evaristo (GUZZO, 2021) enquanto a centralidade do olhar, da palavra, da experiência e da leitura dos negros/as acerca das realidades que vivenciam/vivenciaram em suas trajetórias em sociedade nas diásporas. Portanto, definimos os contatos e contágios propostos neste trabalho corporal pelo nome de movivências.

Interessante perceber que as manhãs no Núcleo nos permitem ser quem e como somos, buscamos não precisar de máscaras sociais ou preocupações com olhares alheios, nos fazemos plenas/os de nós mesmas/os enquanto nos presenteadamos com possibilidades motoras que passeiam entre movimentos, cores, sons, cheiros, sabores e outros sentidos. Para que essa possibilidade de sermos autênticas/os para nós mesmas/os ocorra, precisamos estabelecer um ambiente acolhedor e seguro que nos garanta a tranquilidade de nos encontrarmos com o que nos possa parecer ridículo, inadequado ou incipiente, confrontar sentimentos, rever

⁸ Espaço acadêmico para expansão filosófica a partir do movimento da capoeira e da dança afro-brasileira que acontece desde 2021 no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais na UFRJ. Os encontros se dão nas segundas feiras pela manhã e tem duas horas de duração.

⁹ Estamos nos referindo a pessoas que pautam suas existências a partir dos valores civilizatórios afro-brasileiros. (Silva, 2020)

e reelaborar conhecimentos, abrir portas internas. Pactuamos um lugar de cuidado, livre mover, livre pensar, mas principalmente, onde o nosso código de ética coletivo seja capaz de rejeitar todo tipo de abuso, segregação e preconceito, onde potencializemos o encantamento e o respeito às diversidades humanas. Esse encantamento tem a tarefa de nos livrar dos assombros do que Simas e Rufino chamam de “carrego colonial” que sistematicamente nos limita a existência.

O carrego colonial enquanto conceito não pode ser lido com os vícios fetichistas das mentalidades e métodos dominantes, mas com implicação política/epistemológica/afetiva nas infinitas práticas inventadas e inventariadas em prol do bem viver. Nesse sentido, identificar as dimensões e operações do carrego nos lança diante da emergência de despachá-lo. Em outras palavras, somos mobilizados a acessar no encanto, enquanto complexo de saberes e gramáticas diversas, ações que transgridam os padrões coloniais. (SIMAS; RUFINO, 2019, p.22)

Ampliar as potencialidades humanas desloca o trabalho do Núcleo para um lugar onde a representação das potências femininas predomina, não estamos dizendo que seja um espaço exclusivo às mulheres, mas sim que funciona como um gerador de humanidades. Ao tratar de humanidades nos referimos a recuperação do status de humanidade usurpado por uma política de existência que vê as pessoas afro-referenciadas, com suas estéticas pretas, como seres hierarquicamente inferiores em seu exercício de ser humano. Pensar o feminino para além do ser mulher e contextualizá-lo como um território uterino, que nutre, protege, estimula, aquece, cuida, alimenta e desenvolve. Desse modo reafirmamos que é um território feminino, ou como diria a filósofa Katiúscia Ribeiro (RIBEIRO; RIBEIRO, 2020), um território matrigestor.

Abordamos nossos moveres com todos nossos corpos e possibilidades, consideramos a relevância no despertar de si, e percebemos que todas as atividades buscam acionar nossos sentidos, visto que são múltiplas informações sensoriais como forma de apreensão de si e onde “o corpo é a pedra de toque.” (SOARES; NASCIMENTO, 2019, p. 14)

Começamos o dia queimando incensos que se misturavam ao aroma do café. Esse momento inicial nos faz lembrar de uma cantiga antiga que se canta em sambas de roda, umbandas e que já ouvimos também na capoeira, qual seja: “Vovó não quer casca de coco no terreiro, pois lhe faz lembrar dos tempos do cativoiro”

(domínio público). Pois é vovó, nossas lembranças chegam pelo nariz, pelos ouvidos e pele, são os cheiros, sons e sentires que têm nos auxiliado e nos remetem para dentro de nós mesmas/os, de nossas memórias, com força, enfrentamento, afeto e acolhimento. É impressionante como as narinas, o olfato é capaz de nos arrebatam para junto de nossas memórias.

Como de certa forma pouco falamos durante as atividades, os olhos precisam passear atentos aos movimentos e as propostas que surgem quando estamos envolvidas em expressões motoras afro-referenciadas, por certo nos embrenhamos em diálogos incríveis que envolvem braços, pernas e olhares, e que não estão presos a uma única interpretação, pelo contrário, para cada olhar na direção dos outros brincantes uma frase se constrói. São diálogos de corpos em movimento afro-referenciado. Para que os diálogos se realizem é fundamental que estejamos abertas a escuta e atentas aos vocabulários que se apresentam, as muitas formas de comunicação que se dão sem palavras, com palavras aparentemente desconexas, com gestos e silêncios. É preciso alargar nossas fronteiras de saberes sobre nós, sobre os outros, sobre nossos entendimentos de mundo. Esta é uma perspectiva de compartilhamento, aquisição e produção de saberes que não pretende a exclusividade e a verdade. Como nos fala Nego Bispo:

Esta é a questão. O saber orgânico anda com o saber sintético respeitando a fronteira. O saber orgânico chega na fronteira, e a fronteira para o saber orgânico é um espaço de diálogo. Então, cada vez que nós nos encontramos um outro saber a gente dialoga com ele, na boa. Se precisar aprender, a gente aprende. Mas aprender aquele outro saber não significa que a gente perdeu o nosso, a gente estendeu o nosso saber. A gente enriqueceu, e agora a nossa fronteira é mais a frente um pouco. É até o outro saber que a gente não sabe. O saber sintético é diferente. Quando ele chega na fronteira, ele não tem fronteira, ele tem limite, e ele não consegue dialogar com outro saber. Então o nosso saber é um saber do diálogo e o saber sintético é um saber do conflito. Quando ele chega no outro saber ele *puf!*, não reconhece o outro saber, não dialoga e chega no limite. Então, como é que eu cheguei nesse lugar junto com todos nós aqui [a sala de aula da UnB]? Vocês viram que esses conceitos, eles vão se construindo segundo as nossas conversas. Às vezes eu tenho a felicidade de chegar primeiro em um lugar e esperar os outros que ainda não chegaram. Mas também às vezes eu chego e vocês já chegaram e eu respeito quem chegou [...] (SANTOS, 2019, p. 91)

O alargamento de nossas fronteiras vai se dando em diálogos entre as pessoas que se encontram e as camadas de outras presenças, que com suas

linguagens próprias, também compartilham suas sabenças. As sonoridades, as palavras das canções, os ruídos da rua.

O toque sutil dos instrumentos da capoeira é uma provocação potente, o som do berimbau é um chamamento para dentro, atíça algumas memórias que pareciam estar adormecidas, mas que brotam com força e potência nos trazendo à tona para respirar. Essas memórias que despertam com os movimentos e propostas sensoriais deflagram a necessidade de oxigênio, como se a vida fosse sufocando as expressões de um coletivo de pessoas que têm em comum a irreverência em relação ao modelo universal. Reforçamos um olhar mais amoroso, criativo e criador sobre toda e qualquer possibilidade de ser, sobretudo para as existências vistas socialmente como menos portadoras de humanidades, dada suas diversidades de gênero, ou pelo excesso de melanina, ou qualquer outro traço que seja lido como destoante de um padrão que só valoriza um modelo de ser humano a ser validado.

Resumidamente, os encontros nos encorajam a sair da fôrma brincando com as formas de se movimentar, provocando o corpo a desenhar o espaço e se desenhar no espaço criando possibilidades inusitadas. Em nossas movivências, o mais importante é encontrar os próprios caminhos para fazer brotar o movimento, mesmo quando a proposta reside na reprodução de um desenho com o corpo, uma trajetória no espaço, uma forma de execução, a premissa é de que neste lugar nosso maior objetivo seja o encontro com o pensamento movente de cada corpo e, por isso, não há erros, só caminhos a caminhar. Instigar perguntas que provavelmente não serão respondidas, despertar respostas para perguntas que nunca foram formuladas, responder questões sobre a vida e o ser, antes que nos sejam perguntadas. E as respostas aparecem pelas conexões que fazemos com nossas existências anteriores a nós, aquelas que nos habitam.

Para todo esse processo faz-se necessário que acreditemos que existe algo a mais entre corpo/mente, que provavelmente situamos fazeres em camadas sutis de existência de expressões corporais. É isso mesmo! Estamos sugerindo que o corpo é o espaço visível do ser humano que guarda em si memórias, afetos, traumas e medos, até aqui nada de novo, mas acreditamos que tanto para dentro do corpo, quanto para fora, existem camadas invisíveis por onde conexões diversas se fazem presentes quando acionadas. Esse é o trabalho do Núcleo, despertar as consciências de vida, fazer conexões com espaços interiores, por vezes desconhecidos ou nunca

acessados, mas que nos levam a um profundo entendimento de nós mesmas/os.

Homem, conhece-te a ti mesmo!

George James (2022) em 1954 já nos revelava o quanto nossos antepassados egípcios eram conhecedores da profunda filosofia que há em saber-se a si mesmo:

Os Mistérios exigiam, como primeiro passo, o domínio das paixões, o que abriu espaço para a ocupação de poderes ilimitados. Portanto, como um segundo passo, o Neófito foi solicitado a buscar dentro de si os novos poderes que se apossaram dele. Conseqüentemente, os Egípcios escreveram em seus templos: “Homem, conhece-te a ti mesmo” (JAMES, 2022, p 103).

Encontramos igualmente referências a esta prática, que agora sabemos ser milenar, na filosofia Bantu-Kongo que, entre outros, nos foi traduzida para o idioma português por Tiganá Santana (2019) em sua tese de doutoramento na Universidade de São Paulo. Nela o autor nos apresenta o princípio filosófico *Kongo* do V, que entre inúmeras questões de organização social e de compreensão cosmológica e ontológica nos diz que:

O ser humano é nada, a não ser que ele descubra como caminhar para 7ª direção, o centro, o mundo interior, que representa a essência do seu ser. Deste modo, há que se descobrir ou redescobrir esse caminhar para 7ª direção, não apenas por causa da saúde e auto cura, mas também porque ele o potencializa para o autoconhecimento. Esse caminhar permite que, verdadeiramente, tornemo-nos “seres-pensantes-que-agem”, isto é, executores porque somos mestres de nós mesmos. (SANTOS, 2019, p. 100).

Se pensarmos na preponderância da oralidade quando buscamos saberes das filosofias africanas, desejamos afirmar que nossa oralidade são os movimentos, mesmo reconhecendo que para as filosofias africanas a palavra é rica de axé, estamos propondo o movimento como forma de compreender e exercitar as filosofias africanas, pois se é o movimento afro-referenciado que usamos como linguagem, então vamos chamar esse pensar/mover, ou movimentalidades de movivências, é isso, nossa filosofia do corpo é feita de movivências.

O sociólogo Congolês Bas’Ilele Malomalo em um artigo onde discute o lugar das ciências humanas africanas na contemporaneidade, defende que essas ciências devem ser lidas na abrangência do que chama de sociobiocósmico. Essa colocação de Malomalo (2021) afirma a existência de formas plurais de se

comunicar, escrever e ler igualmente válidas para a expressão humana. Assim, apresenta caminhos que indicam o que acreditamos, que a oralidade pode estar em movimentos corporais, segue a palavra do sociólogo:

Os textos orais africanos estão presentes nas manifestações culturais africanas, nos corpos, nos espaços educativos, econômicos, políticos, literários, estéticos e religiosos africanos continentais e diaspóricos. Estão nos ritos seculares, espirituais, ecológicos feitos pelas comunidades negras. Os textos escritos africanos estão igualmente nos textos orais africanos. (MALOMALO, 2021, p. 52)

Movimentamos nossos corpos para nos livrar das amarras impostas pela cultura ocidental, movemos nossos quadris, sacudimos as bandas da bunda para dizer o que queremos e não queremos que saibam de nós, que nós nem sabemos que precisamos saber de nós e que nós mesmas/os queremos saber de nós. É um para si que começa na sutileza dos movimentos de corpos que se entendem silenciados por uma sociedade que nos rejeita os gestos, os sons, as cores, a melanina, os cachos. Somos despertadas/os pelo som de berimbau e músicas populares brasileiras e musicalidades negras espalhadas por todo o mundo.

Compreender-se a si mesmo, entretanto, difere de uma viagem exclusivamente egóica, pois aquilo que rememoramos, os saberes que acessamos, são nossos e de tantos outros que viveram antes, e da mesma forma daqueles que compartilham o tempo conosco. Essa perspectiva coincide com a afirmação de Eduardo Oliveira sobre os princípios fundamentais da cosmovisão africana que estão presentes na compreensão do corpo: diversidade, integração e ancestralidade:

O corpo é diverso desde sua constituição biológica quanto em seus múltiplos significados culturais. É integração posto que é a condição de qualquer relação [...]. É ancestral, pois o corpo é uma anterioridade. O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido. (OLIVEIRA, 2021, p. 122)

Acessar a nós mesmas/os na perspectiva que partilhamos no Núcleo, passa necessariamente por entender-se sempre em relação. Pensando no tipo de relação que nos interessa; aquilombar, compartilhar, tocar e trocar afetos e movimentos coletivamente para elaborar o caminho de contração (comunicar de/e para dentro) e expansão (comunicar de/e para fora) que tanto nos permite acessar o fluxo contínuo de movivências.

Somente quando iniciamos os movimentos é que percebemos o quanto estamos presas/os às concepções de certo e errado, às urbanidades que nos controlam as expressões. O Núcleo nos permite movimentar e experimentar mover partes de nossos corpos que raramente movemos devido às regras de etiqueta social. Rebolar é revolucionário, soltar o pescoço, sacudir e bagunçar nossas cabeças/cabelos, andar torto é simples, pueril, libertador. E liberdade é uma das palavras que mais aparecem no diário de bordo onde guardamos em palavras as impressões que nos atravessam ao longo das atividades. Sentimos que podemos nos liberar das amarras e deixar os corpos falarem por si, e quando olhamos para os outros participantes podemos compreender o que Evaristo chamou de *escrevivências*: ler parte de suas histórias de vida e aprender com elas. (GUZZO, 2021)

Nesse processo de despertar e conectar com memórias ancestrais, precisamos da certeza de estarmos em um espaço e um território seguros, pois que livre de julgamentos e opiniões dos outros, somos convidadas/os a uma busca interior de nós mesmas/os, é um movimento de sentir, expressar, sentir de novo. É com o filósofo Nego Bispo (2019) que aprendemos sobre início, meio e início novamente, pois é exatamente assim que trabalhamos os corpos, em fluxo contínuo.

Se tivéssemos que responder o que tem de filosófico nesse Núcleo de pesquisa, que se pretende ser sobre as filosofias do corpo, diríamos que estamos buscando na prática a essência do movimento corporal afro-referenciado, podemos dizer que buscamos a metafísica dessa forma corporal.

Compreendemos a filosofia como a arte da dúvida, de duvidar, de fazer perguntas e questionar alguns pontos dos pensamentos já estabelecidos. Assim sendo, o Núcleo faz seus questionamentos a partir de corpos em movimentos, perguntamos e respondemos com o corpo, a oralidade sustenta nossas impressões sensoriais até certo ponto, pois a palavra não é capaz de expressar totalmente encontros e descobertas. Por isso, nossa filosofia pertence a corpos em movimento.

Encontramos nas palavras de Eduardo Oliveira (2021), ao referir-se a proposta desenvolvida no *Tempo Livre*¹⁰, inúmeros encontros com nossas reflexões dançadas e capoeiradas do Núcleo:

¹⁰ Espaço de consciência/prática corporal que norteia todo debate do primeiro livro da trilogia da Ancestralidade desenvolvida por Oliveira (2021).

Aqui se confronta uma epistemologia de cunho racionalista com uma epistemologia de origem africana. O corpo construído se erige como signo identitário da tradição africana: é um corpo negro que se arquiteta. Porém, pelo contexto onde tudo isso acontece, o signo da africanidade é mais um desconstrutor do que um construtor de regimes. Veja: baseado na ideia geral de africanidade, que aqui funciona como um significante flutuante, desestrutura-se o corpo da racionalidade moderna ocidental (vertical, estático, linear, rígido, teleológico; que privilegia o cognitivo) para afirmar o corpo da ancestralidade africana, que ressalta a horizontalidade, as dobras, o baixo corporal e o movimento. Desconstrói-se a repetição para editar a criação. Desestrutura-se uma representação cultural baseada na abstração do corpo para criar outra que passa antes pelo sentido do que pela representação (OLIVEIRA, 2021, p. 138).

Podemos também pensar nas expressões filosóficas religiosas dos candomblés no Brasil para acessar um corpo que se entende múltiplo, pois

Para os candomblés, a educação se dá sempre com o corpo, através do corpo, embora o pensamento também aprenda. Não se pode ensinar ou aprender sem o corpo, sem a sensualidade da poesia do mito e da dança; o desvelar é ensinar através da música, que é para Exu a força propulsora primeira que se reproduz em tudo através da comunicação do ensino. Por essas razões, Exu é o responsável por uma epistemologia incorporada (SOARES; NASCIMENTO, 2019, p. 16).

Exu é por isso, o patrono e princípio fundante do Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo, pois é no movimento, na comunicação e na possibilidade de reencontrar e construir novos mundos, que alinhamos nossas experimentações corpóreas. Dançamos e capoeiramos abertas às muitas encruzilhadas que se manifestam.

Buscamos os caminhos que nos levam para dentro através das movivências, e responder as questões que mais nos impedem de ser quem somos com toda a diversidade que nossas existências podem ter. E buscamos com todo corpo acionado pelos cinco sentidos, diríamos mais, despertamos alguns sentidos que não estão em nossos livros de ciências da escola, pois percebemos que existem inúmeras camadas entre nossas percepções físicas. Tem coisas que só se percebe com a intuição, ou a sensação, ou o afeto de que algo muito familiar está se apresentando. Temos memórias que são ancestrais e parecem estar guardadas em algum tipo de DNA ancestral que o trabalho do Núcleo provoca e convoca a presença.

Ouvimos certa vez de *Olùkó Bàbá Ònà Oosatúnmise Adisá* que carregamos memórias que não são facilmente acessadas, mas que surgem em determinados momentos da vida a partir de conexões que fazemos, seja com movimentos, com leituras, com sons ou cheiros, enfim, a esse fato o *Bàbá Ònà* chama de ‘*Ránti*’.

A filosofia do *NTU* (pessoa) na forma como o sociólogo prof^o Bas’ilele Malomalo interpretou nos diz que somos energia, somos frutos do movimento de expansão que criou o universo, e afirma isso com uma explicação ontológica para nossa existência baseada nos conhecimentos *Kamita*:

Aton ou *Rá* é a divindade *kamita*, representada pelo Disco solar, pelo sol. É a força masculina, que residia no céu superior/de cima. A divindade que a completa, em outros textos, é a Lua ou a Terra, que representa a força feminina, o Céu inferior/de baixo. O mesmo mito afirma que *Rá* é o próprio *Aton* e *Noun*; é o Ser-Não-Criado por ninguém e Ele próprio gestou-se. Bassong (2013) precisa que *Aton* é a parcela de *Noun* que contém os átomos, partículas energéticas que proporcionaram o *Big-Bang*, portanto o início da Vida-Cósmica, a formação da Comunidade-*NTU* (MALOMALO, 2022, p 29).

Pois bem, se pautamos as existências a partir dos movimentos, se nos compreendemos como energias, e se temos memórias guardadas em um DNA ancestral, somente acessadas por conexões que fazemos em situações que nos provocam as camadas sutis do ser, desejamos afirmar que fazer uma busca de si realizada pelo movimento de ir para dentro de si através da cosmopercepção das camadas sutis de existir e dos corpos em movimento, é filosofia do corpo, com o corpo e pelo corpo a partir de movimentos que nos referenciam a ancestralidade.

Como nos fala Eduardo Oliveira:

Chegou o momento de pensar desde o corpo ou, ainda, de o corpo pensar. Pensamento do corpo imerso na cultura de matriz africana. Pensar o corpo desde a matriz africana e, sobretudo, pensamento do corpo produzido pela experiência de matriz africana no Brasil (OLIVEIRA, 2021, p. 122).

Essa é uma proposta que se afina com a concepção de um corpo agente, criador e disseminador de seus saberes em linguagem própria, composto de inúmeras camadas sutis de existências que podem ser acessadas pela memória ancestral.

Ainda segundo Oliveira:

Como o corpo é um texto dinâmico e a tradição de matriz africana um dinâmico movimento, é no movimento do corpo que vislumbro a possibilidade de uma leitura do mundo a partir da matriz africana, o que implica em decodificar uma filosofia que se movimenta no corpo e um corpo que se movimenta como cultura (*Idem*:123).

A experimentação das práticas corporais enquanto atitude filosófica e mais, enquanto uma proposta crítica e reflexiva afro-referenciada diante do mundo, exige um realinhamento daquilo que costumeiramente é admitido como filosofar. Assim como demanda a busca por múltiplas estratégias para compreender os processos dinâmicos, fragmentados, férteis e anárquicos de perceber os saberes do/ no corpo.

O corpo é já uma filosofia. Não há que interpretá-lo. Não há que compreendê-lo. Não há que explicá-lo. Há que experimentá-lo! Como fazê-lo sem ser demasiado empirista? Sem ser demasiadamente subjetivista? Como fazer filosofia, que é sempre um artefato, se ela já está dada no corpo? (OLIVEIRA, 2021, p. 126).

Pois então, nesse ponto podemos questionar quais respostas apareceram no percurso de atividades semanais no Núcleo de pesquisas que são as formas onde a gente vê as questões filosóficas, ou em outras palavras, por intermédio do que estamos vendo as questões filosóficas? Pensamos que o uso e a orientação que damos aos movimentos é a mais forte indicação filosófica. Não estamos preocupadas em compreender o que o ser deve ser, mas sim, como as movivências são capazes de levar as pessoas a uma busca pessoal de si mesmas, sendo provocadas pela premência do acesso a um DNA ancestral que nos diz que podemos ser e mover para além das formatações sociais e que seja expansiva para o coletivo. É a movivência que nos pega pela mão, com segurança, a caminho do descobrimento de quem somos nós, por nós mesmas. E que após esse encontro com camadas internas, expandimos para a comunidade um ser mais próximo de sua inteireza e que, assim sendo, é capaz de servir de guia iluminando o caminho para outros encontrarem-se a si mesmos em seus moveres.

Comprendemos que cada proposta trazida para os encontros do Núcleo tem como base os diálogos corporais e a busca pela inteireza em cada conversa. Dialogar com os outros, consigo, com o espaço, com as sonoridades, com as percepções de temporalidades que se evidenciam, tudo isso e mais o que se apresentar para fazer saber de si e do mundo desde o corpo em movimento.

Temos nos defrontado com imperativos que orientam a prática: liberdade como pressuposto da experimentação com o corpo, atitude brincante como algo que dá o tom às nossas movivências, a percepção da ginga, do entre, dos silêncios enquanto povoados de possibilidades de encontros e ressignificações do mover. O afeto tem destaque como capacidade de se deixar afetar, de afetar o outro e construção de afetuosidades múltiplas, o acolhimento aos sentires vários e a provocação para o confronto à paralisia e a formatação.

Nesse momento nos deparamos com uma questão: onde aprofundaremos os diálogos na busca por eco para a filosofia que estamos propondo, as filosofias do corpo? Somos jovens pesquisadoras, debruçadas na busca da compreensão das abrangências dos movimentos e das possibilidades filosóficas das movivências. Sabemos que nossas ações fora do espaço acadêmico, após muitos anos de prática corporal, fornecem pistas suficientes para apostarmos na veracidade das filosofias dos corpos ou das filosofias das movivências como algo que se dá, nos constituindo como pensadoras corpóreas.

Foram nossas vivências que empurraram nossos pés para um espaço onde o corpo é preterido e quase sempre colocado no lugar de objeto, onde o pensamento ainda é refém de um corpo fixado em cadeiras, com olhos e ouvidos sonolentos tentando aprender seus conteúdos. De certo, não estamos sozinhas nas provocações e descobertas diárias que reafirmam em nosso complexo conjunto de corpos visíveis e invisíveis, um outro modo de conhecer e saber, por isso, a cada encontro conjuramos com os movimentos na busca de que outros corpos pensantes se juntem aos nossos, trazendo seus mundos e formas de viver, criar e filosofar. Está acontecendo, encontramos tanto presencialmente como em palavras escritas, cúmplices das nossas tramas, pensadora(e)s que falam nosso idioma que são prenhes de moveres em suas letras.

Certamente temos um diálogo relevante no trabalho de Leda Maria Martins (2021) quando ela apresenta o debate com alguns autores sobre a relação do conceito de performance como um “comportamento restaurado” e conclui dizendo que:

[...] as performances em si, assim como os estudos das mesmas, nos permitem deslocar o *focus* do escrito para o amplo e significante repertório dos saberes corporificados... o termo teoricamente, “conota

simultaneamente um processo, uma prática uma episteme, um modo de transmissão e um meio de intervenção no mundo.” Ou seja, as performances são e constroem epistemologias. (MARTINS, 2021, p 39).

Percebemos que os moveres através da perspectiva das filosofias do corpo tem esse efeito sobre os participantes, pois renovamos nossos entendimentos sobre nós e nossas existências. Seja recordando ou reconstruindo outras epistemologias para além da epistemologia universal, a qual nossas presenças estão submetidas e sendo lidas na sociedade. Esse talvez nem fosse o propósito inicial do Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo, mas se apresentou a partir das escritas no diário de bordo, pois há uma recusa em aceitar a universalidade da filosofia e a exclusão de outras formas de vir a ser no mundo.

Somos atravessadas pela filosofia da ancestralidade (OLIVEIRA, 2021), pois como tal, se sustenta em diferentes formas de linguagens, nos proporcionando compreender mais e melhor essas camadas sutis de corpos igualmente sutis que nos atravessam em silêncio, e acionam memórias ancestrais. Na realidade, a ancestralidade se apresenta como política de saber-se de si. Para além disso, é fundamental que estejamos pensando a partir de filosofias diferentes do que hegemonicamente se sustenta nas universidades, o fato de que a maioria dos cursos de filosofia insistem em defender que a filosofia nasceu na Grécia, mesmo com publicações como “O Legado Roubado” de George G. M. James (2022), que foi escrito em 1954. Para além dessa obra, temos publicações dentro do âmbito da filosofia que argumentam a partir do enfrentamento as colonialidades do saber, como os trabalhos científicos que fundamentam suas bases teóricas a partir de outras epistemologias e que tratam de questões estruturantes da filosofia, podemos citar os trabalhos de Muniz Sodré (1998, 2017, 2019), Sueli Carneiro (2005), Katiúscia Ribeiro (2019, 2020), Eduardo Oliveira (2021), Nego Bispo (2015), Ailton Krenak (2020) apenas para mencionar algumas/ns autoras/es brasileiras/os.

Nesse sentido voltamos ao trabalho de Malomalo (2019) para aprofundar a compreensão do movimento enquanto partícipe de todas as existências, e por ter como finalidade a emancipação humana, e de seres não humanos, uma emancipação cósmica. Essa filiação nos remete a estruturar o pensamento baseado na filosofia do *NTU*, “é o *NTU* que dá vida a Tudo o que existe. Na filosofia africana ancestral, tudo o que existe é movimento, interconexão, integração e interdependência entre os seres.” (MALOMALO, 2019, p 84)

CONCLUSÕES

Se estamos afirmando que as movivências nos levam a um estado físico de perceber e acessar memórias que estão em algum lugar dentro de nós e que nos trazem a sensação de completude, e que é o movimento afro-referenciado que estrutura essa viagem, por certo estamos na linha da busca de emancipação e libertação dos seres humanos de ideias pré-concebidas socialmente sobre esses mesmos seres humanos. Ousamos dizer que vivemos em uma sociedade que adoce, silencia e traumatiza os corpos que não estão dentro dos padrões de ser e existir aceitos, e mais que isso! Para adentrarmos mais profundamente a filosofia do NTU, podemos afirmar que a sociedade ocidentalizada, perpetuando valores universais como único modelo de ser e existir, ignorando outros saberes, culturas e filosofias, adoce a vida na terra, toda vida que se pretende ser na “grande teia da Vida-NTU” (*Idem*:85) seja ela natureza, cosmo ou ser.

Caminhando para o fim dessa conversa, mas não esgotando o assunto, o Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo se apresenta como um espaço de produção filosófica a partir das questões de enfrentamento ao caráter universal da filosofia e a partir da proposta de diálogos em movivência. O que dessa forma, coloca questões não apenas para si, como igualmente para o coletivo.

Nossa filosofia pertence à categoria dos afetos, defende a pluralidade de perguntas e respostas, está na ordem do sentir, portanto da experiência, e promove a aproximação dos sujeitos de si mesmos, agindo como propiciador de status de humanidade a quem experimenta as movivências.

Acentuamos que a liberdade que adentramos com nossos corpos diz sobre a liberdade filosófica apenas e assim podemos dizer que filiamos a filosofia aos princípios morais e éticos dos movimentos. Movivência se pretende a potência de perscrutar as verdades absolutas acerca dos corpos, dos movimentos e das humanidades.

REFERÊNCIAS

GUZZO, Morgani. Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. *Catarinas*, 28 julho 2021. Entrevista. Disponível em:



<https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/> Acesso em: 12/07/24.

JAMES, George Granville Monah. Legado Roubado: A filosofia grega é a filosofia egípcia roubada. São Paulo: Editora *Ananse*, 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2ª edição, São Paulo: *Companhia das Letras*, 2020.

MALOMALO, Basa'ilele. Filosofia do NTU: direitos e deveres no despertar da consciência biocósmica. São Paulo: Editora *Polo*, 2022.

MALOMALO, Basa'ilele. Filosofia Africana do NTU e a defesa de direitos biocósmicos. *Revista Problemata: R. Intern. Fil.* v. 10. n. 2 (2019), p.76-92. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49144/28609> Acesso em: 21/07/23

MALOMALO, Basa'ilele. I.; FONSECA, D. J. Apresentação do dossiê temático: ciências sociais africanas e afrodiáspóricas: abordagem teórica, metodológica e temática. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 13, n. 36, p. 3-6, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1253> Acesso em: 12 jul. 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-teia. Rio de Janeiro: *Cobogó*, 2021.

SOARES, Emanuel Luís. Roque; FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. EXU, CORPO E SEXUALIDADE. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 12, n. 31, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/836> Acesso em: 12 jul. 2024.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade: Corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 1ª edição, Rio de Janeiro: *Ape'ku*, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. 1ª edição, Rio de Janeiro: *Ape'ku*, 2021.

RIBEIRO, Katiúscia; RIBEIRO, Sônia. Feminilidade preta: a força matricomunitária e matrigestora In: MEDEIROS, Claudio; GALDINO, Victor (org) Experimentos de filosofia pós-colonial. São Paulo: editora *Filosófica Politéia*, 2020, p. 130-141.

RIBEIRO, Katiúscia. O laboratório de filosofia africana *geru mã* na UFRJ e os desafios para produção de conhecimento sobre filosofia africana e as relações raciais. *Revista Encantar*, v.1, n.1, Bahia 2019, p. 09-27; Disponível em: Acesso em: 26/07/2023.

RIBEIRO, Katiúscia *et al.* *Rekhet*: Um exercício que transcende o ato de filosofar. *Revista Ítaca*, n.36, Rio de Janeiro, 2020, p. 51-53; Disponível em: Acesso em: 26/07/2023.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília: Editora *Ayó*, 2019.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-congo por Bunseki Fuki-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Gisele Rose da. *Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros*. 2020. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais - Centro Federal de Educação Tecnológico, Rio de Janeiro, 2020.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ª edição, Rio de Janeiro: *Mauad X*, 1998.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. 1ª reimpressão, Petrópolis, RJ: *Vozes*, 2017.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. 3ª edição, Rio de Janeiro: *Mauad X*, 2019.

Submetido em: 28/07/2023

Aceito em: 25/07/2024